



BRASIL

PANTANAL

A maior planície inundável do mundo é também uma explosão de vida e cores

POR FLÁVIA VITORINO FOTOS MARINA BANDEIRA KLINK



À esquerda, a serra do Amolar se sobressai na paisagem pantaneira. A planície é lugar de nidificação de aves como tuiuiús e garças (acima)

A verdadeira história do Pantanal está escrita nos paredões inexplorados de Mato Grosso do Sul. Das dezenas de sítios arqueológicos existentes na região, o morro do Caracará, na serra do Amolar, guarda pinturas rupestres que revelam o mais antigo povo da região – os índios guatós –, que chegou ali milênios atrás. A mensagem deixada naquelas rochas intriga até hoje pesquisadores e arqueólogos do mundo todo. E prova que, bem antes do espanhol Ruy Diaz, que lá desembarcou em 1593 já batizando o povoado de Santiago de Xerez, os guatós já sabiam da grandiosidade e da riqueza do ecossistema que depois veio a se chamar Pantanal.

Na verdade o Pantanal está localizado entre três países: Bolívia (leste), Brasil e Paraguai (norte). A parte brasileira se divide entre os estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (região Centro-Oeste). Este que vem a ser o menor bioma do país é a maior planície de inundação do mundo, com 250 mil quilômetros quadrados. Riquíssimo em biodiversidade, o Pantanal abriga mais de 650 espécies de aves, 260 de pei-

xes, 100 de mamíferos e 50 de répteis, sem contar as mais de 2 mil espécies de plantas. O ecossistema foi considerado pela Unesco Patrimônio Natural Mundial e Reserva da Biosfera. É muita coisa.

Conhecer o lugar em uma visita só é tarefa difícil. Além das regiões do sul e do norte serem distintas, existe outra questão que muda completamente as vivências e também as paisagens. As estações da cheia e da seca.

Na cheia, entre os meses de outubro a março, os rios transbordam e a paisagem se torna fluida, uma imensa lâmina d'água espelha o céu e cada pôr do sol se torna um espetáculo único com uma miríade de cores. É o momento de revigoramento da fauna e da flora, em que é possível avistar com facilidade aves aquáticas como tuiuiús, cabeças-secas, patos, marrecos e garças. Já os mamíferos migram para áreas mais altas, onde se encontram muitas capivaras e veados-campeiro e catingueiro. Na seca, que vai de abril a setembro, os mamíferos que se dispersaram com a cheia voltam a ocupar a planície. O céu apresenta as noites mais estreladas, e a temperatura mais amena com o fim das chuvas torna os passeios noturnos bem prazerosos. Durante a vazante podem ser observados mais facilmente onças, queixadas e catetos (dois tipos de porco-do-mato, o primeiro com caninos mais salientes), cervos-do-pantanal e bandos de primatas, como

bugios e macacos-prego. A paisagem é formada por campos e morros isolados, além de pequenas lagoas dispersas e dos corixos, pequenos canais que ligam as lagoas.

O ideal é dividir a visita em duas experiências completamente diferentes: a região da cidade de Miranda (MS) e a porção que começa em Corumbá (MS), banhada pelo rio Paraguai, na fronteira com a Bolívia, e vai até a cidade de Poconé (MT), onde as viagens são feitas de barco.

O Refúgio Ecológico Caiman é a experiência mais completa para vivenciar o Pantanal por terra. Localizado na zona rural da cidade de Miranda, a cerca de 200 quilômetros da capital Campo Grande, há duas formas de chegar até lá: de carro ou por meio de aeronave particular ou táxi aéreo. O pouso acontece em pista particular e gramada, com 1.400 metros de comprimento.

O Refúgio Caiman é uma mistura de aconchego pantaneiro nos aposentos com a imersão na vida selvagem lá fora. Uma iniciativa autêntica que começou há mais de 30 anos como a primeira operação de ecoturismo no Pantanal sul-matogrossense. Fundado em 1912 como fazenda de criação de gado tradicional, hoje o refúgio desenvolve a pecuária extensiva de bois, vacas e bezerros integrada à natureza em campos de

pastagem naturais e artificiais. Além disso, a prática agroflorestal e outros três projetos integrados ao ecoturismo local permitem um mergulho profundo na cultura e na fauna: o Onçafari, o Projeto Arara Azul [leia textos sobre essas iniciativas nesta edição] e a Reserva Particular do Patrimônio Natural Dona Aracy.

O Onçafari é um projeto que atua há dez anos na conservação das onças-pintadas da região. Um grupo de biólogos especialistas na fauna local sai a bordo de um veículo 4x4 que leva os visitantes para observar de perto a vida silvestre nos moldes dos safáris africanos, com destaque para as pintadas. Aliás, o Pantanal também tem seus “big five”, a exemplo das cinco estrelas selvagens mais difíceis de serem caçadas a pé na África – leão, leopardo, elefante, rinoceronte e búfalo-cafre.

Os nossos são o cervo-do-pantanal, a onça-pintada, a capivara, a anta e o tamanduá-bandeira. Apesar de que não seria exagero dizer “big six”, pois o tuiuiú, símbolo pantaneiro e a maior ave voadora do Brasil, prende nossa atenção toda vez que abre as asas em sua envergadura máxima, de até 3 metros, para levantar voo. Observá-los em seu habitat natural é um encontro com a natureza profunda e com a própria essência pantaneira. E tão viva quanto o ecossistema é a cultura indígena, a cultura pantaneira, a música e a culinária, que em dias de festa adicionam ainda





Inscrições rupestres, um espetáculo a cada fim de tarde e uma fauna facilmente avistável mesmo para olhos urbanos: a magia do Pantanal junta pré-história e natureza exuberante

mais sabor ao cotidiano.

Muito antes da chegada do homem pantaneiro, ali nas proximidades das terras do Refúgio Caiman já habitava e ainda habita a comunidade indígena terena, que se destaca na arte cerâmica como meio de subsistência, com seu avermelhado polido e belos padrões de grafismos no estilo floral, pontilhado, tracejado, espiralado e ondulado. Eles produzem peças utilitárias e decorativas como vasos, bilhas, potes, jarros, na forma de animais locais, além de cachimbos, instrumentos musicais e adornos variados.

O trabalho, que é predominantemente feminino, tem algumas regras que devem ser seguidas pelas mulheres. Em dia que se faz cerâmica não se vai para a cozinha, pois acredita-se que o sal seja inimigo do barro. Aos homens cabe, por tradição na maioria das nações indígenas, somente o trabalho de extrair o barro e processar a queima, tarefas que exigem maior vigor físico. As peças são modeladas manualmente com a técnica de roletes.

Já a cultura do homem pantaneiro descende dos bandeirantes paulistas e dos garimpeiros que viajavam em canoas através dos rios Tietê, Paraná e Paraguai, em direção às minas de metais preciosos da região de Cuiabá. Terminada a Guerra do Paraguai (1864-1870), eles resolveram ficar e criar gado. Se afazendaram.



Chapéu de palha de abas largas, calças jeans e camisa. Na cintura, por debaixo do cinturão de couro, uma faixa de algodão colorida e um facão. Nos pés, as onipresentes botinas de couro.

Foi por meio da música que o cantor e instrumentista Almir Sater, natural de Campo Grande, criou uma sonoridade tipicamente pantaneiro-caipira da viola de dez cordas graças às influências culturais de seu estado. São canções e músicas de ritmos variados como o rasqueado, o chamamé e o rasta. Falam do movimento das águas, dos bichos no Pantanal, da lida com o gado, de causos de assombração, dos antepassados indígenas, das rodas de viola, das comitivas de boi e até da própria chalana, barco ainda hoje utilizado como meio de transporte.

Ainda de Mato Grosso do Sul, quase na divisa com Mato Grosso, partem os barcos em direção a um tesouro escondido do Pantanal: a serra do Amolar, que destoa completamente da perspectiva plana típica do Pantanal. Imagine uma cadeia de montanhas de 80 quilômetros de extensão, rodeada de rios e considerada como área prioritária de conservação. O local guarda em seus morros vestígios arqueológicos dos ancestrais que acreditavam ser ali o centro do mundo.

No fim do século 19 e início do século 20, o rio Paraguai, que cruza a serra do Amolar, se destacou como

importante via de navegação comercial, ao interligar as cidades pantaneiras à bacia do rio da Prata, o que trouxe crescimento econômico significativo para Corumbá, na época. O difícil acesso e sua complexa formação, cercada por rios, lagoas, campos alagados o ano inteiro e uma vegetação influenciada pela Amazônia e pelo Chaco, tornam a visita o descobrimento de uma riqueza nunca vista.

Partindo de Corumbá, o *Comodoro* é uma embarcação de luxo que realiza um cruzeiro de cinco dias pelo rio Paraguai até o Refúgio Acurizal, região ao pé da serra do Amolar onde vivem dezenas de comunidades ribeirinhas.

A embarcação é dividida pelo convés inferior, onde ficam as cabines da tripulação, a cozinha, o bar, a sala de jantar, a sala de TV e de jogos, com o deque de proa e uma plataforma de popa para acessar barcos menores. Já no convés do meio estão dispostas 15 cabines e uma pequena sala de ginástica. No convés superior estão a piscina, a *jacuzzi* e o terraço. Todos os pisos são servidos por elevador. O barco é equipado com um moderno sistema de navegação e tratamento de água, e as cabines são bastante espaçosas, com ar-condicionado, camas de casal e varanda privativa.

O roteiro feito pela Amolar Experience, a operadora local com mais conhecimento na região da Reserva Acurizal, parte diariamente com “lanchas rápidas”





que viajam acopladas ao barco-mãe, promovendo passeios diários com uma passagem completa por pontos quase inóspitos. É o caso do alagado do Taquari, antigo desastre ecológico que se transformou em um paraíso. Foram dezenas os problemas trazidos pelo assoreamento do rio Taquari, um dos principais afluentes do Paraguai.

Mas se o rio secou de um lado, do outro fez surgir o que passou a ser chamado de “Payaguás do Xarapés”, um delta de águas tão transparentes que a cor se confunde com o azul do céu. Além da estonteante transparência, a vegetação e a fauna se modificaram e as espécies foram substituídas por outras mais adaptadas à nova condição do solo: arraias e peixes coloridos que, ao nadar, parecem vindos de uma outra dimensão subaquática.

As viagens que partem diariamente do cruzeiro *Comodoro* contemplam ainda as vivências nas comunidades locais, caminhadas pela serra, as pinturas rupestres do morro do Caracará e o encontro com animais. Tudo entre um banquete e outro, no barco e em terra firme. Nas comunidades provam-se receitas, pratos, temperos desconhecidos e saborosos da tradição culinária do Pantanal. Veja a sopa paraguaia, por exemplo, que de líquida nada tem: trata-se de uma torta de massa clara, geralmente

servida em cubos. E os peixes, perdão pelo lugar-comum, dão água na boca. Pintados, pacus e piranhas são preparados das maneiras mais variadas: fritos, ensopados, assados, grelhados, ao urucum. Para fechar o festim gastronômico, o tradicional caldo de piranha é de lei.

O roteiro se completa com a opção de partir da última parada do cruzeiro para uma esticada de cerca de três horas de navegação até a região de Porto Jofre, bem próximo à cidade de Poconé, já no estado de Mato Grosso, e muito perto também da fronteira boliviana. Ali é o lugar de maior concentração de onças-pintadas do mundo. Algo em torno de oito a nove felinos a cada 100 quilômetros quadrados e que vivem tranquilos em seu hábitat, caçando, tomando sol no fim da tarde e brincando com os filhotes nas praias formadas ao longo dos diversos afluentes.

Conhecer o Pantanal pode se resumir a isto: entender que ali é um mundo quase à parte, de natureza viva, pura. É ter a oportunidade de compartilhar uma riqueza especial do Brasil. Entrar numa peça de teatro onde a flora é o cenário e os protagonistas, além da fauna, são estrangeiros e brasileiros como nós, convivendo em harmonia nesse delicioso caldo de cultura e mistério chamado Pantanal desde o tempo dos guatós. 📍

FOTOS FLÁVIA VITORINO E DIVULGAÇÃO



De barco, a cavalo ou tendo o Refúgio Caiman como ponto de partida, o Pantanal é uma surpresa

CONHEÇA OS BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

Para mais detalhes acione o QR code ao lado ou acesse revistaunquiet.com.br

